APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

HUMANIDADE, ESPIRITUALIDADES E CULTURA EM DISCUSSÃO*

Ivoni Richter Reimer**, Clóvis Ecco***,
Renato Ferreira Machado****

Eu vi coisas que vocês não imaginariam. Naves de ataque em chamas ao largo de Órion. Eu vi raios-c brilharem na escuridão próximos ao Portal de Tannhäuser. Todos esses momentos se perderão no na chuva. Hora de morrer.[1].

A espiritualidade é uma força unificadora da pessoa. É a essência do ser que permite tudo na vida e se manifesta em cada um e em cada uma de nós, na capacidade de saber e de fazer. É a interconexão com o próprio ser, com as outras pessoas, com a natureza e com Deus/ Vida/ Força/ Absoluto/ Transcendente. É a dimensão que eleva a pessoa para além de seu universo e a coloca frente às suas questões mais profundas, que brotam da sua interioridade, no anseio de encontrar resposta às suas perguntas existenciais, bem como às questões sociais. Inerente à condição humana, a espiritualidade é codificada e traduzida simbolicamente no seio das diversas culturas e nelas permanece como dimensão de profundidade.

---

* Recebido em: 25.01.2019. Aprovado em: 18.02.2019.

** Pós-Doutora em Ciências Humanas (UFSC). Doutora em Teologia/Filosofia/Ciências da Religião (Universität Kassel). Graduada em Teologia (Faculdades EST). Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq. Docente no PPGCiências da Religião e PPGHistória (PUC Goiás). E-mail: ivonirr@gmail.com

*** Doutor em Ciências da Religião (PUC Goiás). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da PUC Goiás. E-mail: eccoclovis@gmail.com

**** Doutor em Teologia (Faculdades EST). Graduação em Pedagogia (FAFIMC). Docente no Mestrado em Memória Social e Bens Culturais e coordenador da Área de Educação e Cultura e do curso de Teologia da Universidade La Salle, em Canoas RS. Email: renatoferreiramachado@gmail.com

Torralba (2013, p. 39-40), num diálogo com Robert Emmons, define a espiritualidade como uma manifestação de inteligência, e que diretamente se relacionam com a dimensão da experiência religiosa e ética. Também a concebem (espiritualidade) como o uso adaptativo que fazemos da informação espiritual para facilitar as decisões cotidianas do dia a dia, nas resoluções dos nossos propósitos.

Ainda de acordo com esse autor, a inteligência espiritual dá poder para se perceber o mundo em seus movimentos, bem como, com as outras diversas formas de vidas.

A condição da vida, nas suas inter-relações com o cotidiano, depara-se com alguns desafios e crises, especialmente em relação à sua manifestação da existência. Emergindo marginalmente na Terra em relação a outras formas de vida, o ser humano carrega consigo a bênção e a maldição de ter desenvolvido consciência a respeito de si e da própria vida e, assim, perguntar-se por um sentido para ela.

> *Estamos, a um só tempo, dentro e fora da natureza. Somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais... Somos filhos do cosmo, mas, até em consequência de nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência, tornamo-nos estranhos a esse cosmo do qual continuamos secretamente íntimos. Nossos pensamentos, nossa consciência, que nos fazem conhecer o mundo físico, dele nos distanciam ainda mais* (MORIN, 2003, p. 38).

O distanciamento entre ser humano e natureza pode ser considerado um espaço de transcendência. Ao reconhecer-se como ente que, apesar de integrado ao meio que o gerou, tem também capacidade de decifrá-lo, nomeá-lo e decodificar suas intrínsecas relações, o ser humano passa a intuir um espaço de significado profundo para tudo que integra sua existência. A própria existência, aliás, é problematizada neste espaço, uma vez que os condicionamentos inerentes ao existir não permitem conhecer por completo este espaço de significados definitivos para a vida em si. Este é um espaço acessado pelas mais profundas perguntas e questionamentos humanos, nem sempre formuladas por palavras e, sobretudo, um espaço de intuição do mistério que a tudo abarca. Por essa razão iniciamos este artigo sob uma citação do filme *Blade Runner*, pronunciada por um personagem em busca da afirmação de sua própria humanidade. Roy Batty, o personagem em questão, é um *Replicante*, réplica humana criada a partir de genes artificiais. Aprimorados a cada geração por seu fabricante, os replicantes reúnem características que os aproximam muito dos humanos originais, apesar de nunca serem reconhecidos como tais[2]. A geração de replicantes de Roy Batty havia sido banida do planeta por questionar o curto tempo de vida

concedido a eles. No filme, Roy e um grupo de seres como ele estão em busca de seu criador: eles desejam continuar ativos, ultrapassando sua data de desativação. E a angústia de Batty, ao sentir a chegada de seu processo de desativação, é sobre o que fazer com todas as suas memórias e experiências, ou seja, a mesma angústia humana diante da realidade da morte. O personagem, no momento de deixar de existir, vive o dilema existencial de não saber o destino de tudo aquilo que compôs sua vida como significado e que, naquele instante, ele sabe ser maior do que seu curto espaço de atividade como replicante. Roy Batty pronuncia suas últimas palavras a partir de um espaço transcendente: o espaço do *espírito.* Nas palavras de Leloup e Boff (1997, p. 54-55):

> *Não se trata somente da inteligência analítica ou da inteligência racional. Não se trata do mundo da emoção e do mundo do sentimento. Trata-se deste tipo de inteligência contemplativa que, na antropologia semita, terá o nome de "coração inteligente". É uma inteligência silenciosa. É a experiência, no homem, de um espaço e de um silêncio além do mental, além das emoções, além das sensações.*

Chamamos atenção para o fato de estarmos tratando a questão do espírito como um espaço e não como um ente que habita o ser humano e o deixa após a morte - guardando todo respeito às tradições reencarnacionistas -, pois este enfoque é importante para o que desejamos discutir. Ao assumirmos o espírito como espaço de síntese simbólica e projeção transcendente do existir, queremos insistir na ideia de que esta questão está integrada à vida como um todo e, exatamente por isso, é motivo de crise diante da consciência da finitude. Ao mesmo tempo, é necessário ter atenção a duas possibilidades de compreensão deste espaço, que não são excludentes, mas se diferenciam e se complementam. Pode-se compreender esta dimensão da vida como espaço pessoal de onde ecoa o clamor para um sentido ontológico radical, mas também se pode entender 'espírito' como dimensão de conexão entre tudo que vive e que se encontra presente em cada ser. Em termos semânticos, os termos espiritualidade e espírito derivam de *pneuma*, que significa "hálito, vento, ar e sopro", tendo também a conotação de ânimo e vida. Já a etimologia latina para espírito é *spirare*, que significa "soprar, exalar". Do verbo *spirare* formou-se o substantivo *spiritus*, que se torna "espírito", em português. Espírito, então, relaciona-se com algo existente, mas invisível, que não sendo visto pode ser sentido (BARTH, 2005). O termo, então, remete à ideia de que a vida é permeada por uma energia criadora, que religa o ser humano ao próprio universo, ressignificando sua consciência de si e do outro. A partir desta dimensão experimenta-se a comunhão e supera-se a fragmentação existencial, compreendendo-se a vida individual em integração a tudo que existe. A experiência de abertura para esta

realidade, reconhecendo-a como portadora de um sentido último para a vida, é aquilo que chamamos de fé. Nas palavras de Tillich (1974, p. 7-8):

> *Fé como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente é um ato da pessoa como um todo. Ele se realiza no centro da vida pessoal e todos os elementos desta participam. Fé é o ato mais íntimo e global do espírito humano [...] Ela ultrapassa cada uma das áreas da vida humana ao mesmo tempo em que se faz sentir em cada uma delas.*

Por isso, fé pressupõe espiritualidade, que é o elemento que transcende as engrenagens da realidade e possibilita a transcendência desta. Sendo humana, a espiritualidade pode também ser compreendida como dom, uma vez que comunica o que está além do humano. A espiritualidade é o clima da fé e, como interpretação da vida, e assume contornos de *ad ventura*, ou aventura (MORI, 2018). Neste sentido, por se tratar do humano, por mais que compreendamos estes processos em âmbito pessoal, é necessário compreendê-la na extrapolação desta dimensão no campo da cultura. A partir daquilo que encontramos na obra de Mircea Eliade, por exemplo, podemos compreender que a experiência religiosa, ou seja, de abertura a um sentido último e transcendente para a vida, acaba moldando as formas que as sociedades e civilizações têm tomado ao longo da história. A própria percepção do tempo e sua divisão em ciclos e festas religiosas expressa a ânsia e o desejo humanos de atualizar sua contemporaneidade às forças divinas que criaram e organizaram o universo.

> *É interessante notar que o homem religioso assume uma humanidade que tem um modelo trans-humano, transcendente. Ele só se reconhece verdadeiramente homem quando imita os deuses, os Heróis civilizadores ou os Antepassados míticos. Emr resumo, o homem religioso se quer diferente do que ele acha que é no plano de sua existência profana. O homem religioso não é dado: faz-se a si próprio ao aproximar-se dos modelos divinos* (ELIADE, 2010, p. 88).

Eliade enfatiza, em diversas passagens de sua obra, que é preciso considerar o quanto a experiência de integrar completamente a dimensão religiosa à organização social e política de algum povo, via de regra, é encontrada naquilo que o próprio autor denomina como civilizações arcaicas. Sem nenhum tipo de conotação pejorativa, Eliade se utiliza deste termo para diferenciar aquela experiência do campo religioso com aquela que o autor encontra na sociedade contemporânea a ele: uma sociedade na qual a religião por vezes se encontra apartada do restante da dinâmica social. Neste ponto, é preciso que revisitemos a teologia de Paul Tillich, no que diz respeito à experiência de fé e das formas como esta se

concretiza, tanto em âmbito pessoal quanto no todo da sociedade. Para o teólogo alemão, a experiência do incondicional só pode ser expressa por meio de símbolos, pois estes são a linguagem do incondicional em si (TILLICH, 1974, p. 30). Neste sentido, tudo aquilo que toca incondicionalmente o ser humano acaba sendo divinizado e, como tal, comunicado em uma linguagem simbólica (TILLICH, 1974, p. 32). Disso, segundo Tillich, deriva também o que pode ser reconhecido como idolatria. Desta forma, se voltarmos a Eliade, podemos depreender que mesmo em sociedades secularizadas, tal como são as sociedades ocidentais atuais, encontraremos a experiência religiosa ocorrendo intensamente, mesmo que não exclusivamente no interior das tradições religiosas.

> *A religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião. Em resumo: religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente* (TILLICH, 2009, p. 83).

Neste ponto podemos retornar ao início de nossa reflexão: qual é o espaço no qual a experiência humana de busca por um sentido último para a vida pode ser guardado, compartilhado e comunicado, de forma que não se perca diante da morte? Se compreendermos que este espaço é o do *espírito*, precisamos reconhecer que ele se diversifica em expressão e linguagem de acordo com os tempos que vivemos e que o espaço de expressão da espiritualidade é a cultura, de múltiplas formas. As expressões culturais, porém, têm seu espaço de experimentação demarcado pelos elementos que a definiram em seu nascedouro, sendo o mais profundo deles o próprio elemento religioso. No caso específico das atuais sociedades ocidentais, este elemento é carregado de fortes padrões cristãos, diferenciando suas nuances de acordo com a maior ou menor influência dos diversos grupos desta tradição religiosa, em suas distintas confessionalidades. Ao nos encontrarmos em uma sociedade globalizada culturalmente, com predominância de produções estadunidenses no campo do cinema, televisão e histórias em quadrinhos, entre outras, é possível identificar uma unidade estética predominante.

> *Há certa unidade estilística nas artes visuais deste século quando o comparamos com estilos de séculos anteriores. Esse estilo, como nenhum outro na história do protestantismo, expressa a situação humana como o cristianismo a percebe* (TILLICH, 2009, p. 114).

Assim, podemos identificar um filme como *Blade Runner* e seus respectivos personagens como integrante desta dinâmica: criaturas que procuram seu criador para que ele resolva seu problema com a morte. Da mesma forma, podemos reconhecer nos diversos super-heróis que protagonizam narrativas aventurescas nos quadrinhos, seriados e cinema, uma identidade messiânica, que os reveste como salvadores que encarnam as grandes esperanças humanas. Em toda produção cultural encontraremos uma dimensão religiosa, marcada por espiritualidades que guardam símbolos e experiências de fé.

Tradições e culturas, linguagens religiosas, mística e imaginários, valores e construção de identidades e de relações em todos os níveis são parte intrínseca das espiritualidades. Sua importância e as diversas dimensões e experiências em diferentes tempos e lugares são expressas em elementos significativos das culturas (i)materiais que povoam mentalidades e realidades, relações de diálogo e de conflito, ecumênicas, inclusivas e excludentes.

O grande número de artigos recebidos em reação à Chamada para publicação no Dossiê Temático Espiritualidades da revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás, *Caminhos*, evidencia a atualidade e a relevância do tema e sua experienciação, indicando para interesse e demanda de sua abordagem, bem como para a análise em diversas e diferenciadas perspectivas. Assim, apresentamos resumidamente cada um dos treze (13) artigos aprovados com base na política editorial e em pareceres externos. Cada um deles faz juz à temática plural deste dossiê, o que também é verificável nesta apresentação.

"Espiritualidade e vida simbólica", de José Benedito de Almeida Júnior (UFU), considera fundamental observar as expressões da espiritualidade em seus símbolos e ritos, que permitem (re)conduzir a um equilíbrio de ser humano em si e em suas relações sociais. O desafio se coloca para uma abordagem interdisciplinar nas áreas da Religião, Filosofia e Psicologia. Como parte da vida humana e importante para seu equilíbrio pessoal e social, o erotismo assume destaque no artigo de Marcus Vinicius de Souza Nunes (UFSC), "Admoestações de São Francisco I-II: uma espiritualidade erótica". Por meio de uma compreensão existencial e concebendo a erótica como vitalidade intrínseca ao ser humano, Filosofia, Ética e Teologia Moral são convidadas a contribuir para o sentido da existência humana. Outro desdobramento da espiritualidade é abordado por Emanuel Freitas da Silva (UECE), com o instigante título "Como se produz um novo Católico Carismático: elementos da espiritualidade da comunidade Shalom", para quem mística e pertencimento são características dessa experiência contemporânea.

Mística também é um elemento central da espiritualidade islâmica-sufista, como apresentado por Delano de Jesus Silva Santos (UFJF), em seu artigo "A Espiri-

tualidade de Maomé no Sufismo". Nela, Maomé figura como exemplo para a união com Deus. Por isso, abordagem histórica e elaboração de princípios espirituais centrais do profeta são parte central desta contribuição, que contempla passado e presente.

Históricas, tradicionais e contemporâneas também são as experiências da espiritualidade de povos na Amazônia. Elivaldo Serrão Custódio (UNIFAP), Piedade Lino Videira (UNIFAP), Moisés de Jesus Prazeres dos Santos Bezerra (UNIFAP) apresentam "As práticas culturais/religiosas afroindígenas na Amazônia", ressaltando cosmovisão e referenciais espaciais em cerimônias e rituais, cuja densidade simbólica é registrada também ecumenicamente com o catolicismo popular. No artigo "A escuta e o diálogo com as Tradições Sagradas do povo Ticuna: um testemunho de evangelização na Amazônia", Boris Agustín Nef Ulloa (PUC-SP) e Izabel Patuzzo (PUC-SP) apresentam alguns aspectos centrais de tradições sagradas do povo Ticuna. O autor e a autora colocam-se em sintonia com o convite do Papa Francisco à Igreja Ameríndia e aderem à proposta do Sínodo da Igreja na Pan-Amazônia em relação à evangelização libertadora, dialógica e testemunhal.

Como parte do fenômeno religioso, a simbólica é central na espiritualidade das religiões espíritas. Gisele Cristina Laranjeira (PUC/SP) e Ana Maria Galrão Rios (UNIP) analisam o fenômeno religioso "Incorporação: Quando o Corpo é o Templo". Em perspectiva psicológica, apresentam o corpo do médium como símbolo consagrado que conecta o mundo material com o plano espiritual. Considerando a dinâmica da crescente institucionalização do espiritismo, transformações na compreensão da mediunidade se fizeram necessárias em relação à ritualidade nesse sistema de crenças. Quem apresenta esta pesquisa é Luiz Signates (PUC Goiás; UFG), no artigo "A mediunidade, da Profecia ao Rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista", sendo que o corpo continua sendo o *locus* da experiência espiritual.

O corpo e as experiências cotidianas de desejo, (in)subordinações e ações são referenciais para a organização social e espiritual das relações entre as pessoas e com a divindade. Em perspectiva feminista, no artigo "Apuntes sobre la Representación Genérica de la Divinidad: Feminismo y Espiritualidad", a mexicana Sandra Villalobos Nájera (Universidad Nacional Autónoma de México) defende que as relações no campo religioso e espiritual são determinantes para a construção de direitos humanos, especificamente nas relações de gênero. Nisto, a concepção e a relação com a divindade são fundamentais para o exercício e/ou o interdito dos direitos humanos.

Espiritualidades religiosa e não-religiosa também se expressam historicamente por meio da música. Desde os antigos sons polifônicos e improvisados da Idade Média, que ressoa(va)m na Catedral de Santiago de Compostela, até os atuais

polifônicos e sonoros sons do *rock* de tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, a música expressa sentimentos profundos e cria laços de pertencimento e solidariedade, prazer e aconchego dentro e para além de instituições religiosas. Neste sentido, Marcelo Ramos Saldanha (Faculdades EST; Universidade da Beira Interior/ Portugal) e Louis Marcelo Illenseer (Faculdades EST) apresentam parte de seus estudos medievos, no artigo "Deus, 'A Bem, Soe'!: a Vida revelada no *Cantus Firmus*", e Flávio Lages Rodrigues (PUC Minas) escreve sobre "O Rock como possibilidade para uma Espiritualidade não-religiosa".

Igualmente no mundo das artes e representações, onde super-heróis e magia (re) encantam a vida e os sentidos, Silas Guerriero (PUC-SP) e Fábio Leandro Stern (PUC-SP) escrevem sobre "Espiritualidade e Magia nas Histórias em Quadrinhos da Marvel". As representações de pacto demoníaco, manipulação do campo quântico e de ciência 'outra' fazem parte da repercussão do *ethos* da Nova Era e, pela mídia, repercutem na sociedade numa interação entre espiritualidade e magia.

Nessa pluridiversidade de experiências e abordagens das espiritualidades não poderiam faltar as reflexões e a análise no campo das relações ecossistêmicas. A contribuição é de João Paulo Silveira (UEG-Morrinhos), em "Religião e Natureza na Contemporaneidade: uma Introdução às Ecoespiritualidades". Questões ambientais e fenômeno religioso, bem como a construção das relações de poder, desafiam para a compreensão e a vivência do cuidar da natureza em conexão com a oferta religiosa do sentido último da existência, elementos relevantes no contexto da destradicionalização e subjetivação da fé.

Estas são as contribuições para este Dossiê Temático. Agradecemos a cada qual que participou das pesquisas, da elaboração de textos, de avaliações, revisões, e que subsidiou este trabalho científico na área das Ciências da Religião e afins. Desejamos que os estudos e a leitura do que aqui partilhamos contribuam para a qualificação da vida e, por meio desta, também da qualificação daquilo que fazemos. Que o diálogo, o respeito e a construção de relações justas e profícuas entre as diversas e diferentes experiências e seus sujeitos sejam a força motriz que testemunhe acerca de nossas espiritualidades. Que as espiritualidades representem da melhor forma possível a divindade e/ou o ente espiritual a quem se reportam e com quem se identificam e constroem sua história. Na relação entre experiência, memória e história, presente e passado, espiritualidades são expressas e manifestas na feitura daquilo que podemos 'vir-a-ser'.

Por isto e neste sentido, desejamos boas e proveitosas leituras, bem como a divulgação do conhecimento aqui compartilhado!

Notas

1 Trecho extraído do filme Blade Runner (1982).

2 No filme de 1982, os Replicantes são fabricados pela Corporação Tyrell, cujo lema é "Mais humano que o humano". Uma das personagens do filme, Rachael, é uma replicante que pensa ser humana, graças a implantes artificiais de memória.

Referências

BARTH, Senno. *Etimologia Grega:* da Hélade à Terra Brasilis - uma viagem cultural. Santo Ângelo: Ediuri, 2005.

BLADE Runner. Direção de Ridley Scott. Los Angeles: The Ladd Company, 1982. Filme (117 min.), son., cor.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto:* de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durkheim. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORI, Geraldo Luiz de. Espiritualidade Ecumênica. *Theologica Latinoamericana*: Enciclopédia Digital. Belo Horizonte, 2018. Disponível em <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1445>. Acesso em: 09 dez. 2018.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TILLICH, Paul. *A Dinâmica da Fé*. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. Tradução: Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TORRALBA, Francesc. *Inteligência espiritual.* Tradução: Joao Batista Kreuch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.